

Consideremos o tiro ao alvo como protótipo do projeto. Podemos distinguir nesse projeto o projetor (o fusil), o projétil (a bala), o trajeto (o caminho percorrido pela bala), o objeto (o alvo)? E, um tanto distanciando do projeto, o sujeito (o atirador). De acordo com o pensamento existencial é a existência no projeto a forma autêntica de existir. O tiro ao alvo é portanto protótipo da autenticidade. Já que a autenticidade parece querer preencher na ética atual o lugar vagado pela virtude desaparecida, merece o tiro ao alvo um estudo atencioso.

Um pequeno livro de Herrigel: "Zen na arte do tiro com arco" trata do problema da autenticidade. Zen é um existencialismo oriental que carece tristemente de um Kierkegaard, Nietzsche ou Kafka. Em compensação, e em contraste com Heidegger, Sartre e Camus, sabem os existencialistas do Zen tirar ao alvo. Num salão totalmente escuro acertam sempre o alvo, coisa que ninguém ousaria afirmar com relação aos nossos pensadores. Os atiradores do Zen são virtuosos do tiro, enquanto que os nossos pensadores talvez sejam menos virtuosos. Esses atiradores são pouco dados à conversação e não escrevem tratados sobre o tiro ao alvo. E na vivência, e não na especulação, que o tiro é apreendido e compreendido. Herrigel entretanto, filho do Ocidente, terra da teoria, explica que o atirador se funde, no tiro, com o arco, a flecha e o alvo, formando um projeto único e não analisável. Essa união entre sujeito e objeto, (e projetador, projétil e trajeto), é conhecida pelo nome "união mística". O Zen é um existencialismo místico. Dados os resultados alcançados pelo Zen no tiro, surge a sombra da dúvida se o existencialismo místico não é, pragmaticamente, o único "autêntico". O nosso existencialismo, embora trilhe nos rastros do pragmatismo, (pelo menos em sua forma nietzscheana), e embora professe desprezar o dogma e salientar a vivência, não é místico. O projeto (Entwurf) continua, portanto, analisável. Essa análise é constantemente ensaiada pelos nossos pensadores que a chamam "análise do Ser". Ou, mais elegantemente, "ontologia". O tiro ao alvo é, portanto, um modelo em miniatura do Ser, e põe em evidência as diversas espécies daquilo que é (tá ontá). Evidência, em primeiro lugar, o caráter do Ser como todo (on), como sendo dinâmico e tendencioso, (tendendo para algo). Aristoteles diria que o Ser é entelequico, (tendo um telos, alvo). Nietzsche diria que o Ser é vontade. Bergson diria que o Ser é "élan". Husserl falaria em "intenção". Nós diremos que o Ser é como o tiro ao alvo. O Ser é um projeto.

Em segundo lugar, aparecem, em nosso modelo, os horizontes do Ser: sujeito e objeto. Fazem, e não fazem, parte do projeto. O sujeito transcende o projeto, no sentido de não estar empenhado inteiramente nele. O atirador aciona o PROJÉTOR (fusil), mas se conserva fóra do tiro. O objeto (o alvo), se

e quando alcançado, "realiza" o projeto. O projeto se torna perfeito, isto é coisa do passado. O objeto alcançado acaba com o projeto, aniquila-o. Estas considerações, além de teóricas, são também vivências. Temos todos a vivência do sujeito distanciado parcialmente (chamamo-la "ironia"), e da desilusão do objeto alcançado (chamamo-la "anticlimax"). A posição ironica do sujeito e anticlimactica do objeto definem a situação do projeto. Por isso, sujeito e objeto não são totalmente alcançáveis pela ontologia. Escapam à apreensão e compreensão do intelecto e devem ser abandonados, em parte, a outras faculdades mentais. Restam, para serem considerados, o projetor, o projetil e o trajeto. São eles os seres no sentido estrito (tà onta). Podemos conceber o projetor como um prolongamento, a sombra que o sujeito lança sobre o projeto, como projeção do sujeito dentro do projeto. Podemos conceber o projetil como algo expelido, exprimido, articulado (expressed, ausgedrueckt), que se dirige da projeção do sujeito em direção do objeto, que intende o objeto, que "significa" o objeto. Podemos, finalmente, conceber o trajeto como a régua, a régra, segundo qual o projetil se projeta. Podemos, nesta concepção, definir o projetor como articulador, o projetil como o articulado, o trajeto como a estrutura da articulação, e, finalmente, o projeto como o conjunto da articulação. Podemos, em outras palavras, definir o projeto (o Ser), como processo linguístico. O sujeito (a fonte da língua) é o objeto (o significado da língua) transcendem esse processo, não sendo, portanto, discutíveis. O território da discussão se limita, necessariamente, à língua, isto é ao articulador, ao articulado e à estrutura da articulação. Assim teremos delimitado, rigorosamente, o campo da ontologia.

O esboço acima ensaiado sofre as vicissitudes de todas ilustrações: é uma fábula, um mito. Não deve ser tomado ao pé da letra, mas à cabeça do significado. Tomado assim, serve para pôr em relevo aquilo que considero a excentricidade da posição existencialista: a atenção da análise existencial do Ser se concentra sobre o projetor, (o "Dasein"), o qual, entretanto, não está no centro do projeto, se a ilustração acima é válida. A posição existencial é excentrica não por ignorar o aspecto transcendental do sujeito e objeto. Nisto o existencialismo age acertadamente. O que transcende o projeto é indiscutível, e o pensamento existencial tem razão de eliminá-lo do campo da filosofia, embora conservando o pseudo-conceito do "nada" como horizonte de Ser, e portanto como horizonte da discussão filosófica. A posição existencial é excentrica por deslocar o centro do projeto em direção do projetor, em direção do sujeito. A excentricidade da posição existencial reside no seu subjetivismo. Essa excentricidade subjetivista, que ca-

racterisa grande parte do pensamento do século 20, pode ser compreendida como reação contra a excentricidade objetivista que predominava na segunda metade do século 19. Neste sentido é uma tentativa salutar de restabelecer a perspectiva. Entretanto, de acordo com a ilustração aqui oferecida, o centro do projeto é constituído pelo projétil, e é a partir dele que a situação deve ser analisada. O projétil é o nexó ontológico da situação existencial que chamamos projeto. O projétil, o articulado, enfim a palavra é o ser (tò on), a partir do qual a análise ontológica deve ser empreendida.

Consideremos, portanto, o projétil. Ele é uma mensagem e um apelo. Ele é uma mensagem no sentido de ser emitido, enviado pela via do trajeto, uma missive, um "missile". E ele é um apelo no sentido de ser mandado em direção do objeto, é um mandamento para o objeto. O projétil é a um tempo um indicativo e um imperativo. Ele se comunica com o objeto rondando-o. Em breve: o projétil é uma interrogação. No centro do projeto, portanto, está o projétil que é uma interrogação, uma investigação, uma pesquisa. O projeto, a situação existencial, deve ser concebido como sendo centralmente um processo de interrogação, de investigação, de pesquisa. O aspecto subjetivo dessa pesquisa é a mensagem, a indicação.

O aspecto objetivo dessa pesquisa é o apelo, o mandamento. Essa concepção não é, necessariamente, tão pragmática como pode parecer à primeira vista. O critério da pesquisa, do ponto de vista da pragmática, é o êxito, o encontro com o objeto, o acertar ao alvo. Se concordarmos, entretanto, que o êxito, o acertar ao alvo, acaba com a pesquisa, a aniquila, teremos assumido para com a pesquisa uma atitude radicalmente antipragmática. Estamos interessados (entresomos) na pesquisa, e não na sua solução e dissolução. "Somos encarregados do começar, e não do acabar." No nexó do projeto, da situação existencial, está a pesquisa como tal, *ars gratia artis*.

Cada palavra é, neste sentido, uma pesquisa assia. Cada palavra forma um nexó de um projeto, de uma situação existencial. Cada palavra é um ser (tò on), ponto de partida de toda uma ontologia. O estudo de toda palavra, sendo uma pesquisa de uma pesquisa, é a verdadeira reflexão e deveria ser, rigorosamente, a única atividade filosófica. Com efeito, se lançamos um olhar sobre a filosofia, verificamos que ela se resume, efetivamente, à pesquisa de palavras. A atividade filosófica é um projeto de segundo grau, removida um passo da atividade vivencial. A vivência é uma pesquisa, a filosofia é uma pesquisa de uma pesquisa. A vivência tem a palavra como projétil, a filosofia tem a palavra como projétil e como objeto.

Essa situação existencial da filosofia é caracterizada, pela religião cristã, lapidarmente, com a frase "cor inversum in se ipsum" (coração invertido em si mesmo). É aquilo que o cristianismo medieval chamava de pecado mortal da tristeza e preguiça do coração. Modernamente, diríamos que a filosofia é uma situação existencial inautêntica. Aquilo que o cristianismo medieval chamava de "preguiça e tristeza", o existencialismo moderno chama de "angústia". A filosofia se encontra numa situação angustiada. Tendo por projétil e por objeto a palavra, ela gira num círculo vicioso. Ela está restrita (in der Angst, in der Enge). Sabendo-se, entretanto, restrita, sabendo-se encerrada pela língua, ela se transcende. Na filosofia, o sujeito alcança uma dupla transcendência, uma dupla ironia. Toda filosofia consciente de si mesma está permeada por essa dupla ironia. É nessa ironia levada ao quadrado que reside o atrativo irresistível, o doce veneno da filosofia.

Voltemos, no final da nossa excursão, ao ponto da partida, ao Zen e ao tiro ao alvo. A união mística alcançada no tiro do Zen, analisada ocidentalmente, reside na concentração do atirador, do arco e do alvo sobre a flecha. Todo tiro acerta, porque tanto o atirador como o alvo já estão dentro da flecha. O Zen é o projétil superconcentrado, é a palavra que contém em si o articulador e o significado. Não precisa ser mais articulada, ela se resolve e dissolve por si mesma. Zen é articulação tão intensa que vira silêncio. É o contrário da filosofia. Nós outros, incapazes do misticismo, somos condenados à formulação e reformulação da palavra, a sempre novos projetos que são, no fundo, sempre os mesmos. Somos condenados àquilo que Nietzsche chama "o retorno eterno do sempre idêntico". Somos condenados à filosofia.